

relacionamentos. “É um espaço onde é possível falar de medos, fracassos, raiva, culpa, amor, sexualidade, paternidade e tantos outros temas que, muitas vezes, os homens aprendem desde cedo a esconder”, explica.

O trabalho é desenvolvido a partir da metodologia da Core Energetics, abordagem terapêutica que integra corpo, emoções e mente. “Utilizamos exercícios corporais e energéticos, mas também a fala, a escuta e a troca de experiências entre os participantes”, detalha.

Nos últimos anos, o grupo passou a investigar, sobretudo, os efeitos do patriarcado sobre a vida dos homens. “Falamos sobre violência masculina, sobre a dificuldade que muitos homens têm de sentir e expressar afeto, sobre sexualidade, relações com as mulheres, relações entre homens, competição, necessidade de poder, medo da vulnerabilidade e o desejo profundo — muitas vezes escondido — de amar e ser amado.”

Utilizando-se como exemplo, Paolo relembra que seu grande gatilho era a raiva. Desde criança, respondia às pequenas frustrações com acessos de raiva. “Com o tempo, entendi que não podia descarregá-la nas pessoas, mas também não sabia o que fazer com ela.” A resposta veio por meio da terapia corporal. “Descobri que, quando não encontramos uma forma saudável de

viver a raiva, ela acaba se transformando em explosões, isolamento, ansiedade ou até doenças no corpo. Sentir raiva não é o problema. O problema é não saber escutá-la.” Ao aprofundar esse processo, percebeu que a emoção escondia algo maior. “Aos poucos, fui percebendo que, por trás da minha raiva, quase sempre existia uma profunda sensação de impotência.”

Enfrentamento

Para especialistas, combater a influência da machosfera exige uma atuação conjunta das plataformas digitais, das famílias, das escolas e de espaços que promovam o desenvolvimento emocional dos meninos. A psicóloga Bianca Orrico, da SaferNet Brasil, organização não governamental que busca defender e promover os direitos humanos na internet, explica que os algoritmos das redes sociais tendem a priorizar conteúdos com maior potencial de engajamento, como publicações que despertam indignação, choque ou curiosidade. No caso dos adolescentes, esse mecanismo pode favorecer um processo gradual de radicalização.

Segundo Bianca, as plataformas já dispõem de diferentes ferramentas para identificar a circulação de conteúdos nocivos. Porém, ela ressalta que ainda

existem obstáculos constantes. “Esses grupos adaptam continuamente sua linguagem, recorrem a códigos, memes, ironias e outras estratégias para escapar dos mecanismos automáticos de detecção.”

Na avaliação da psicóloga Juliana Paim, famílias e escolas precisam estar atentos ao comportamento dos adolescentes para interromper esse ciclo. Ela recomenda atenção a mudanças de comportamento que, quando persistentes e observadas em conjunto, podem indicar influência de discursos extremistas.

A especialista ressalta, no entanto, que esses comportamentos não devem ser interpretados de forma isolada. “O mais importante não é responder com punição imediata, mas fortalecer o diálogo, compreender o que aquele discurso está oferecendo ao adolescente e ajudá-lo a desenvolver pensamento crítico. Nenhum desses sinais, sozinho, significa que o jovem esteja sendo influenciado por discursos de ódio. O fundamental é observar a frequência, a intensidade e o conjunto dessas mudanças.”

Para Paolo Chirola, o enfrentamento também passa pela criação de espaços onde os homens possam questionar os padrões que aprenderam desde a infância. “O primeiro passo é reconhecer que essa transformação não acontece de forma solitária.”



↓ IMOVISION APRESENTA

O GRANDE ARCO DE PARIS

UM FILME DE STÉPHANE DEMOUSTIER

Por trás de todo grande monumento, há uma história de poder.

HOJE OS CINEMAS